



COMUNISTAS EM PERNAMBUCO: PALMARES E O GOLPE CIVIL MILITAR DE 1964

Mestrando José Carlos Batista de Lira ¹

RESUMO

A Zona da Mata Sul do Estado de Pernambuco foi alvo de verdadeira vigilância pela imprensa Pernambucana e dos aparelhos de repressão com o golpe de 1964. O Presente trabalho tem como objetivo analisar as consequências do golpe civil militar de 1964 na cidade dos Palmares, onde se concentrava um dos principais sindicatos rurais do estado, com clara atuação do PCB. E entender como a caça a políticos locais, estava envolvida com o perigo comunista, tão difundido na época.

Palavras- chaves: comunismo - sindicalismos – imprensa

ABSTRACT

The Southern Forest Zone of Pernambuco State was the target of surveillance true Pernambuco and in the press apparatus of repression with the 1964 coup. The present work aims to analyze the consequences of civil-military coup of 1964 in the town of Palmares, which was concentrated major rural unions in the state, with clear performance of the PCB. And understand how the hunt for local politicians, was involved with the communist threat so prevalent at the time.

Keywords: communism - labor movements - press

INTRODUÇÃO

Em 1964 o Brasil viu se instalar o mais longo período ditatorial de sua história política. Um momento de rompimento com a democracia, uma ferida aberta na nação, ou como Paulo Eduardo Arantes, indicou em seu artigo: 1964, o ano que não terminou.²

No artigo supracitado Paulo Eduardo afirma que “ainda não acusamos suficientemente o golpe”, essa referência segundo o autor é que, houve uma ruptura com uma época, com um modelo de sociedade que amadurecia naquele instante em nosso país. Essa ruptura representaria a valorização de um novo modelo, de uma opção de alinhamento a uma política externa, ou mais precisamente a política norte-americana. Essa perspectiva de análise levamos aquilo que a historiadora Lucila de Almeida chamou de “análises que privilegiam a versão conspiratória”. Segundo Delgado, os autores que privilegiaram essa interpretação publicaram suas obras de 1970 e ao longo da década de 1980:

¹ Mestrando do programa de pós-graduação de História da Universidade Federal de Pernambuco carlos_locco@hotmail.com

² TELES, Edson e SAFATLE, Vladimir (orgs) O que resta da ditadura. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 205



De 1970 e ao longo da década de 1980, desenvolveram interpretações segundo a qual a ruptura da ordem política foi decorrente de uma ação conspiratória levada adiante pela aliança dos seguintes segmentos sócias e organizações: setores das forças armadas, anticomunistas, sendo alguns deles vinculados a escola Superior de guerra.³

Entres esses autores que optaram por era compreensão a respeito do golpe, a interpretação de René Dreifuss merece um considerável destaque, o autor chega a um entendimento, que o golpe se efetiva com uma aliança dos setores militar e a sociedade civil e os organismos como IPES/IBAD e escola superior de guerra. Para Dreifuss a burguesia nacional que vê passivamente o golpe se instalar no Brasil, aceita a lógica intervencionista, que coloca o estado brasileiro atrelado a política das multinacionais americanas.⁴ Com obra de Dreifuss podemos ver uma caracterização dos setores que se envolvem nesse golpe, é como o poder desmascara reais interesses, para podermos fugir das explicações que apenas identificam o golpe como uma reação de medo de uma sociedade ao perigo comunista.

É possível entender esse momento como uma ação preventiva, pela articulação dos diferentes setores envolvidos, como analisou Lucilia Delgado.

Em 1964, no Brasil, as nuvens espessas da polarização política transformaram-se em tempestade. Um golpe de estado preventivo, articulado por grupos políticos e setores da sociedade civil que apostavam na modernização conservadora, levou o rompimento da ordem institucional e à implementação de um regime militar autoritário, que tendeu a se aprofundar nos dez primeiros anos de sua vigência.⁵

A pesquisa desenvolvida neste trabalho tem a perspectiva de indicar numa escala micro, como os grupos políticos e os setores da sociedade civil, aqui identificamos como um jornal de circulação no Estado ajudou ao rompimento da ordem institucional com o golpe militar. É bem verdade que a alegação desses setores foi ao contrário, eles que logo afirmaram que a intervenção fora realizada para salvar o país da desordem.

ZONA DA MATA SUL DE PERNAMBUCO

O país atravessa uma ebulição política. Pernambuco não pode ser excluído desse cenário, na verdade é um dos lugares de maior destaque a nível nacional e internacional, é

³ REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004). Bauru: EDUSC, 2004.

⁴ DREIFUSS, René. 1964: A conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981

⁵ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 99

sabido que os movimentos sociais do campo haviam despertado o olhar mais do que atento dos norte americanos.

Em Pernambuco há uma atuação de comunistas e socialistas no meio rural, sem falar da política católica que também se dirigia ao campo, que tinha como chave organizada pela SORPE (Serviço de orientação Rural de Pernambuco), e chagara até receber apoio financeiro da CIA.⁶

Em Pernambuco a partir da década de 50 irá se articular diversas formas de movimentos sociais, em diferentes setores de mobilização, frente a situações sociais no meio rural que já carregava um peso de séculos, onde a terra explorada por uma pequena parcela burguesa que ao impor a economia de monocultura pela região do Estado, agravou cada vez mais a vida de milhares de camponeses. A década de 50 é um marco importante não só para Pernambuco como para a História do Brasil, aonde efetivamente vai se falar em reforma agrária de uma maneira radical, o medo da classe dos latifundiários se fez tão presente que foi preciso um combate de quase toda a sociedade ao perigo comunista, a uma revolução vermelha. Essa situação pode ser observada no pensamento da historiadora Luciana de Barros Jaccoud:

Na década de 50, a conjuntura política de Pernambuco foi marcada por um processo de grande mobilização, como a organização de importantes movimentos populares de caráter representativo e reivindicatório. Mobilizando expressivos segmentos das classes trabalhadoras, esses movimentos passaram a ocupar, progressivamente, significativos espaços, não somente frente aos conflitos sociais nos quais estavam inseridos, como também frente à própria conjuntura política que se redefiniu a partir daí.⁷

Percebemos com a análise de Jaccoud que o fortalecimento do movimento social rural, é progressivo em Pernambuco, progressivo e combatido, não é aceito de uma forma tranquila, e sim, através de combates, ora de forma violenta, ora difamatória. O campo foi desde sempre um lugar repleto de conflitos, a rigidez como se impôs o cultivo da cana-de-açúcar em Pernambuco ainda na época colonial, pode nos dar um indicativo de como uma mentalidade se constituiu ao longo dos anos a respeito do trabalho nas zonas Canavieiras.

Havia um contexto que favorecia ao avanço progressivo da organização de lutas, dessa classe trabalhadora. A forte tradição de luta camponesa e um governador do estado que estava mais inclinado a esquerda, faz com que uma elite conservadora, assuma uma posição de intervenção, uma posição de defesa, uma opção favorável ao golpe militar.

⁶ PAGE, Joseph. A revolução que não houve. O Nordeste do Brasil 1955 – 1964. Rio de Janeiro: Record. 1972

⁷ JACCOUD, Luciana Barros. Movimentos Sociais e crise política em Pernambuco (1955 - 1968). Recife: Massangana, 1990. p. 13



Analisando os periódicos da época, é perceptível ver que as manchetes e artigos de opinião ajudam a compor um clima de tensão, de medo, e diria ainda mais que isso, se analisar na perspectiva Gramsciana, temos assim, um mecanismo ideológico, se fazendo valer de sua representatividade através do jornal. Dessa maneira temos aquilo que Gramsci denominou de aparelhos privados de hegemonia, escolas, partidos, sindicatos, imprensa, entre outros organismos coletivos que elaboram e podem reproduzir as ideologias que terminam formando a consciência social (GRAMSCI: 1987)⁸. A teoria desenvolvida pelo mesmo autor põe de maneira distinta dos níveis superestruturais na sociedade. O estado ampliado seria, portanto: a sociedade civil, que possui o conjunto dos aparelhos privados de hegemonia, e a sociedade política, o próprio Estado, como organismo coercitivo do aparelho burocrático-militar de dominação política. Dessa maneira, podemos afirmar a sociedade civil como espaço do domínio ideológico, e esses aparelhos privado de hegemonia se utilizarão dos recursos necessários para pagar seus valores, suas idéias.

Em março de 1964, o jornal do Comércio publica um artigo onde no título já nos dá uma pista da situação no estado “Pernambuco quer paz”,⁹ analisava a falta de posicionamento do governo frente às organizações camponesas e agito no Estado. Pelo lado do Diário de Pernambuco podemos destacar artigos publicados no dia 04 de abril, “O patriotismo das forças armadas”,¹⁰ destacando a intervenção salvadora do Exército na sociedade brasileira com o golpe.

O golpe de 1964 alterou significativamente um momento histórico da nossa sociedade, a implantação do regime ditatorial se deu pelo consenso por parte da sociedade. Em Pernambuco, e mais especial na região da Zona da Mata Sul, havia um momento gênese que se desenvolvia. Essa região é marcada pelo forte laço econômico com a monocultura da cana-de-açúcar. Podemos observar os traços marcantes desse tipo de economia, com as seguintes características presentes em Palmares (1964), que segundo a professora Cristine Dabat, a estrutura da região possuía propriedades que possuíam 100ha. e/ou mais chegando ate 93,40%, de concentração de terra. (DABAT: 2007)¹¹. Paralelo a essa concentração, encontramos uma organização camponesa. A partir do ano de 63, a atuação do sindicalismo rural no movimento camponês ganha mais visibilidade, o espaço para disputa é tão importante

⁸ GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

⁹ Jornal do Comércio 04 de março de 1964

¹⁰ Diário de Pernambuco 04 de abril de 1964

¹¹ DABAT, Christine. *Moradores de Engenho: Relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais*. Recife: Editora da UFPE, 2007

que a atuação da Igreja Católica também se fará presente no meio rural, ajudando a fundar sindicatos e formar lideranças rurais, como observou a historiadora Luciana de Barros Jaccoud:

A partir de 1963, os sindicatos rurais passaram a exercer indiscutível hegemonia dentro do movimento camponês em Pernambuco. O PCB detinha o controle de sua mais ativa vertente. No entanto, outras forças vinham atuando com grande intensidade no estímulo do sindicalismo no campo. Entre elas destacava-se a atuação da igreja católica.¹²

Na região da zona da mata sul, o PCB (Partido Comunista Brasileiro) passa a ter uma forte influência no meio rural, deslocando um dos seus principais líderes no Estado. Gregório Bezerra em um intenso trabalho de militância nessa região percorre engenhos, propriedades rurais, falando aos camponeses para lutarem por seus direitos, que tomassem consciência de sua força enquanto classe.

Com uma militância intensa pelo interior por parte dos comunistas do PCB e em especial Gregório Bezerra, as conquistas vão se consolidando e de certa forma pode parecer paradoxal, mas, vai se constituído um cenário propício ao golpe, podemos tirar essas conclusões segunda a observação do próprio Gregório:

Percorremos toda a região açucareira do Estado e alguns municípios do agreste, andando noite e dia, de canavial em canavial, de engenho a engenho, de usina a usina, de fazenda a fazenda, explicando a todos a necessidade dele se organizarem. Sabíamos que aquele fluxo de liberdade não ia durar eternamente; sabíamos que, mais cedo ou mais tarde, viria a revanche de reação.¹³

A atividade de militância de Gregório Bezerra é tão intensa como, também é merecedora de vigilância. Na secção do Jornal Diário de Pernambuco de 01 de março de 1964, o mesmo toma uma posição clara a respeito da situação naquele momento, quando se utiliza de termos pejorativos e às vezes raivosos para identificar aquela atuação:

Esta cidade esta servido ultimamente como “coito” de homens indicado para espalhar agitação, terror, mêdo e desespero pelo interior do Estado, é daqui que Gregório Bezerra vem “requisitando” nomes para substituir nos sindicatos rurais aquele que vêem nele (Gregório) um êmulo de Padre Cícero.¹⁴

Como se pode observar a nota que sai no jornal procura assumir uma posição, espalhar um medo de uma ameaça comunista, podemos perceber nas palavras a ofensiva a organização que estava acontecendo naquele momento. E ainda, colocando Gregório Bezerra como alguém que quer assumir uma imagem referencial.

¹² JACCOUD, op. cit., p 32

¹³ BEZERRA, Gregório. Memória, Segunda parte: 1946 – 1969. Rio de janeiro, ed. Civilização Brasileira. 1979

¹⁴ Jornal Diário de Pernambuco, 01 de abril de 1964



A força sindical no município de Palmares nos dá uma ideia de como aquela região era um lugar estratégico, um campo de batalha. A tradição de uma organização camponesa vem desde a década de 50. Facilitada possivelmente por sua localização, ela se torna um ponto de referência já que atravessa por ela a BR 101 e possibilitando assim um fácil deslocamento tanto para quem deseja ir a Recife ou Maceió.

Desde a década de 50, a cidade já recebia o movimento rural, como podemos observar nas reflexões da historiadora Maria do Socorro de Abreu e Lima:

Em outubro de 1949, houve uma tentativa, impedida com a prisão de membros da comissão organizadora pertencente à liga camponesa de Iputinga, da Liga de Boa Idéia e da Liga de Gameleira. Um congresso camponês em Palmares foi tentando em 1950.¹⁵

O movimento sindical na Zona da Mata é do ano de 57 quando a partir da fundação da segunda Liga Camponesa em Água Preta, o sindicato é formado, embora sendo originalmente fundando nesta cidade o sindicato fica conhecido como sendo de Palmares por se tratar de uma cidade maior, a força desse sindicato pode ser demonstrada na quantidade de cidades que ele abrangia e na quantidade de sócios pertencente a eles, podemos observar as seguintes conclusões a partir dos dados oferecidos pela historiadora Maria do Socorro de Abreu e Lima:

O sindicato de Água Preta, por exemplo, organizado pelos comunistas, abrangia 21 municípios: Palmares, Gameleira, Joaquim Nabuco, Ribeirão, Bezerras, Gravatá, Camacituba São Joaquim do Monte, Bonito, São Caetano, Angelim, Panelas, Cupira, Belém de Maria, Cetentde, Marial, São Benedito, Quipapá, Cortês e Barra de Guabiraba” (...) A origem deste sindicato é de 1967, quando foi fundada em Água Preta, a segunda Liga Camponesa do Estado. (...) O sindicalismo, originalmente de Água Preta, ficou conhecido como sendo de Palmares que era a cidade mais importante da região. Chegou a ter 45 mil sócios antes de março de 1964.¹⁶

Um sindicato com números expressivos de cidades e filiados devia causar um forte alerta as autoridades locais. Como os comunistas do PCB estavam à frente dos sindicatos, orientando-os sobre mobilização de luta e greves as atividades dos comunistas era monitorada e a parcela conservadora das cidades já procurava discriminar pessoas que pudesse ter qualquer simpatia a esse movimento, seus líderes causavam enormes constrangimentos quando presentes nas cidades.

A força dessa organização era reconhecida pelo governo, tanto é, que o governado Miguel Arraes em 1963, deu ordem a polícia estadual para se manter neutra em disputas entres camponeses e proprietários de terras. (PAGE: 1972. p.188), uma clara posição em

¹⁵ ABREU e Lima, Maria do Socorro de. Construindo o Sindicalismo Rural: Lutas, partidos, projetos. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005 p.39

¹⁶ ABREU e Lima, op, cit., p. 40

defesa de classe camponesa. Page ainda nos dá uma ideia da atuação do governo que favorece a organização sindical.

Arraes decidiu que a lei do salário mínimo na zona açucareira deveria ser observada, e usou toda a sua influência para forçar os proprietários de engenhos e usinas a cumprir suas obrigações legais, e não apenas fingir que as observavam. Isto também contribuiu para o crescimento dos sindicatos rurais, que podia agora pressionar os proprietários e assegurar benefícios financeiros reais aos seus membros.¹⁷

Essas mudanças nos dão importantes indicativos de como estava o ambiente em Pernambuco nos primeiros anos da década de 60. Um governo com uma inclinação mais favorável a classe trabalhadora, e um reconhecimento da importância do movimento camponês no Estado.

O GOLPE MILITAR: MEDO, PRISÃO, CASSAÇÃO POLÍTICA EM PALMARES

Em primeiro de abril de 1964 ocorre o golpe militar no Brasil, não há uma resistência a atitude golpista dos milites. Era possível resistir, é provável, porém, João Goulart o presidente da República, não articulou qualquer resistência.

No estado de Pernambuco existiu uma possibilidade de resistência, Gregório Bezerra ainda tenta articular uma possível rebeldia contra o golpe, como descreveu Page:

Gregório Bezerra quase não chega a Palmares. A polícia havia organizado vários bloqueios na estrada, mas por alguma razão não evitou que aquele duro sexagenário do rosto avermelhado passasse. Quando, finalmente chegou à cidade onde tinha obtido tão notável êxito como organizados comunista do sindicato rural, elementos da polícia estadual e o IV Exército o prenderam imediatamente.¹⁸

Tanto em Palmares como Ribeirão, havia uma espera por armas, que Gregório Bezerra tentara em vão conseguir junto ao governo do Estado. Sem condições de resistência, ele dispensa os camponeses, alegando que não sacrificaria as suas vidas, os mesmos alegavam que resistiriam, lutando com suas enxadas e foices. (Gregório Bezerra)¹⁹.

Quando as notícias do golpe chegam a Palmares, e o Exército está nas ruas da Cidade, foi uma agitação: medo, fugas e prisões. É possível recompor esse clima de tensão. A memória é um mecanismo para recompor as lembranças desse dia de agitação que se

¹⁷ PAGE, Joseph op, cit..., p.188

¹⁸ PAGE, Joseph op, cit..., p.237

¹⁹ BEZERRA, op, cit...

processava na Cidade. Como no depoimento colhido com Tereza Aragão, contemporânea do golpe:

Era garotinha e vivi dias de terror. O ano era de rebelião. 1964. Pelas frestas das janelas, observava trêmula e apavorada os carros blindados de guerra, que desfilavam na nossa rua a procura de militantes comunistas. Ficava pedindo a Deus para ninguém delatar o meu pai, que era um homem de ideais contrários ao governo. Na minha casa tinha bastantes livros Revolucionários e cartazes de Miguel Arraes, que era governador de PE pelo partido social. Meu pai não tinha medo e falava: -Se eles entrarem por esta porta me levam morto, porque também mato um com esta barra de ferro! Naqueles dias eu tinha presenciado a invasão na casa de minha tia, que era filha de Severino Aguiar. Comunista que conseguiu fugir a tempo. Tinha acontecido também à morte trágica do filho dele, Ivan Aguiar, fuzilado em praça pública no centro de Recife, enrolado com a Bandeira Brasileira. Nossa como me lembro daqueles dias sofridos... E eu só tinha 6 anos de idade... Papai queimava livros e mais livros no quintal, cartazes e panfletos, era a destruição da subversão... Das provas que poderiam incriminá-lo.²⁰

O depoimento é bastante interessante, por poder registrar o medo, a tensão presente naquele momento. A fuga, pelo medo de represálias e a presença do elemento delator na Cidade.

A justificativa pelo uso do depoimento é por entendermos a história oral como um dos caminhos para a produção do conhecimento da história como ressaltou Delgado.²¹ Esta possibilidade apontada pela historiadora Lucilia Delgado, permite recompor aquele cenário.

Em outra perspectiva de análise, encontramos um livro de memória, onde o depoente expõe sua vida, atividade de militância. O líder sindical Zé Eduardo, assim confidenciou a Paulo Menezes, sobre os acontecimentos de 1964:

Quando a revolução chegou foi um corre-corre dos infernos. Gente queimou estantes inteiras de livros. E não fui pra lugar nenhum. Fiquei aqui mesmo em Palmares, sob protestos de muitos que me aconselhavam a fugir. Mas fugir pra onde e por que, se não matei e nem roubei? O certo é que ninguém me prendeu em Palmares. Um dia, porem, fui chamado a comparecer ao engenho Gravataí, de José Coutinho, pelo próprio dono: e, como eu confiava nele, porque já havia escondido camponeses amigos meus e guardado o meu irmão na sua propriedade quando estavam perseguidos pela polícia, não tive dúvida e pra lá me desloquei. Mas fui chegando à casa de Jose Coutinho e o exercito já me esperava. Uma tropa toda armada chefiada por um coronel de nome Abidoral, se não me engano. Fui preso, trancafiado e levado para o IV exército em Recife. No mesmo carro em que fui levado preso ia o camponês chamado Agrício Ferreira, fiscal do sindicato, elemento de minha inteira confiança e muito atuante.²²

Algumas observações são fundamentais do relato acima. Primeiro a queima de livros relatada por Zé Eduardo, o que indica uma possível leitura de obras comprometedoras, ligadas

²⁰ Entrevistei Tereza Aragão no dia 07 de setembro de 2011

²¹ DELGADO, Lucilia, op, cit..., p.16

²² MENEZES, Paulo. Sindicalismo x Repressão. Recife: Nordestal.1983 p. 41

as comunismo, e a sua prisão numa propriedade rural, onde fora atraído, o que pode nos indicar uma tática, já que na cidade poderia haver um choque com a prisão. Quando se trata é claro de uma cidade pequena, como é Palmares.

Já preso, Zé Eduardo revelou algumas características daquele instante em seu depoimento:

Quando chegamos ao IV exército fui empurrado com forças para dentro de uma sala, de maneira brutal que lasquei a testa numa quina de parede. O sangue correu em abundância. Fiquei todo vermelho de sangue, mas não perdi o contato com a realidade de tudo ali. Naquela sala vi muita gente que estava presa. Vi Luiz Portela de Carvalho, ex-prefeito de Palmares, esse que voltou para Prefeitura agora. Ele estava de pé, gravata, pois não tinha cadeira, nem branco para se sentar; vi Leônidas, barraqueiro da Usina Caxangá, que participou de um movimento em favor dos camponeses naquela usina. Portela não parecia ter sofrido tortura alguma. Estava bem vestido e de feição tranquila. Já o Leônidas estava visivelmente aperrado.²³

Em outro momento do relato, ele revela uma conversa com um dos guardas da prisão.

Nem todos os militares que conheci eram defensores da revolução. Chegou um oficial, durante uma das 163 noites que passei preso, e olhando para mim, perguntou de onde era.

- Sou de Palmares.

- o que fazia lá?

- Trabalhava no Sindicato dos Trabalhadores Rurais dos Palmares, era presidente. Um trabalho honesto em defesa do homem do campo.

- Estive em sua terra e ouvi muitos comentários a seu respeito. Presenciei no Fórum de Palmares, um velhinho contando ao Coronel que estava comigo que você é elemento perigoso. Joga os trabalhadores contra os patrões. Invade terras, manda tocar fogo nas canas. O que você diz?

- Já sei de quem se trata. É Pedro Afonso. Esse inocente velhinho representa os interesses dos patrões. Esta sempre defendendo os Senhores de Engenho e despejando moradores das propriedades, colocando famílias inteiras de trabalhadores pro olho da sua sem direito a nada.²⁴

Alguns pontos são mais interesse a se destacar, a conversa de forma livre a forma de troca de informações. O senhor Elizeu Pereira, que é citado na conversa, anos depois passaria a ser Prefeito da cidade dos Palmares. Este na época do golpe era vereador e um dos que se exaltava nas reuniões da Câmara municipal, prestava reconhecimento às “forças armadas” pela intervenção militar no país.

Alguns dias após o golpe saiu uma nota no Diário de Pernambuco, que nos dá uma indicação de como ficara o clima na cidade, a nota é de 05 de abril.

Os sindicalistas desapareceram como por encanto de circulação, abrindo caminho para a gozação. Muitos deles sumiram de imediato para suas casas, a fim de aguardar a reviravolta que não veio.²⁵

²³ MENEZES, Paulo, op, cit...,p. 42

²⁴ MENEZES, Paulo, op, cit...,p. 46

²⁵ Diário de Pernambuco, 05 de abril de 1964

De um lado vimos como as prisões se perpetuam na cidade dos Palmares, as prisões de elementos que demonstravam uma inclinação, mais a “esquerda”, é claro, que sabemos o limite de tal conceito, mas, naquele instante em esfera mundial, não podemos esquecer que estávamos no contexto de guerra fria, e havia sim, uma polarização das forças antagônicas na disputas por área de interesse. Os Estados Unidos, representante máximo do Capitalismo e a União Soviética do Comunismo.

O ambiente na cidade dos Palmares ficou bem tenso após o golpe, nos bastidores da política o vice-prefeito que fugira com o desfecho do golpe, teve o seu mandato cassado e a acusação era de sua ligação ao movimento comunista. Brivaldo Leão de Almeida, era uma importante figura naquela sociedade, era professor e diretor do Ginásio Municipal dos Palmares, tradicional escola. Brivaldo Leão fora militante comunista na década antes de 60, e mantinha uma forte ligação com os comunistas do PCB, sua casa era ponto de apoio onde Gregório Bezerra pousava quando estava em Palmares.

Assim, Amauri Caminha, anistiado político, relatou sobre o seu convívio com o Professor Brivaldo:

No Ginásio é que começa uma nova visão. Nós tínhamos no Ginásio, um professor chamado Brivaldo Leão de Almeida, professor de História e diretor. Foi praticamente o responsável pela formação da gente. Eu, o escritor Luis Berto, Antonio Maromba, Fernando. Uma turma que chegava. Revolução cubana estava surgindo naquela época. Começamos a ter os primeiros contatos com o marxismo. Lênin nem tanto, era mais Marx, o que colocava sobre o capitalismo. E fomos formando esse grupo. Chegamos a ir com Gregório Bezerra a engenhos também.²⁶

No depoimento de Amauri Caminha, percebemos como ele teve contato com o comunismo, através dos clássicos, Marx e Lênin. E, além do ensino, a práxis de militância, quando no depoimento ele afirma que chegou a ir a engenhos, onde Gregório Bezerra, atuava na sua militância.

Brivaldo Leão embora um homem respeitável naquela cidade, viu-se obrigado a fugir, assim que o golpe ocorreu. E os membros da câmara, não tardaram no processo de sua cassação.

Na reunião de 06 de abril de 1964, assim inicia a cassação ao “comunista” Brivaldo Leão:

...projeto de autoria do vereador Paulo Siqueira Marques pedindo a cassação do mandato de Vice Prefeito o Sr. Brivaldo por julgá-lo implicado no movimento subversivo que deu lugar aos últimos acontecimentos registrados em toda nação e de modo particular em Palmares [...] pronuncia-se em primeiro lugar o vereador José Augusto Maciel, congratulando-se com o autor da referida proposição por ter agido acertadamente, admirando ainda sua disposição especialmente porque na campanha eleitoral militara em

²⁶ Entrevistei Amauri Caminha no dia 21 de agosto na Cidade dos Palmares

favor desse que agora estava sendo objeto de resolução. Prosseguindo na sua oração o vereador José Augusto Maciel que não tinha nenhuma dúvida quanto a participação do Sr. Brivaldo Leão Almeida no Movimento Comunista. Recordou ainda que teve oportunidade de censurar o Chefe do Executivo por prestar cooperação ao Movimento de Cultura Popular, que outra coisa não era senão um órgão de propaganda da ideologia vermelha...²⁷

Podemos perceber o jogo de interesses de poder, armados na câmara municipal. O vereador José Augusto, afirma de não ter dúvidas da participação do vice-prefeito no movimento comunista. Em nenhum momento, há uma explícita objeção, ou defesa de Brivaldo Leão, ele é taxado de comunista, e isso, representava um perigo a Nação, ao Estado, e que não merecia continuar na ocupação do cargo, embora o mesmo tivesse fugido provavelmente temeroso com as conseqüências que poderia sofrer a partir daquele regime que estava se instalando.

O prefeito da cidade Oscar Brando tem o seu mandato cassado, ele havia sido o indicado por Luiz Portela, como substituto na prefeitura. Embora cassado, ele não sofre a taxaço de comunista, os vereadores, na indicação de sua cassação, atuam de uma forma mais branda. Assim ele é descrito na sessão plenária no mesmo dia 06 de abril de 1964:

Em seguida falou o Vereador Eliseu Pereira Melo, primeiramente congratulando-se com o Vereador José Augusto Maciel pelas suas brilhantes palavras de apoio ao Vereador Paulo Siqueira Marques com quem também se congratulava pelo heroísmo e sentimento de verdadeiro patriotismo, admitindo de Justiça a sua atitude a sua atitude em apresentar uma matéria cujo conteúdo era pedir a compenetração da responsabilidade de quanto fossem a Câmara Municipal dos Palmares cassando um mandato de um representante do Executivo por estar implicado no movimento subversivo e conseqüentemente se ter incompatibilizado (incompatibilizado) com o cargo para o que fora eleito em Agosto de 1963. Prosseguindo sua apreciação ao projeto de resolução, o Vereador Eliseu Pereira de Melo presta homenagem de reconhecimento às Forças Armadas e particularmente ao General Justino Alves de Barros que em boa hora fez abortar um movimento subversivo e perigoso que por certo, vitoriando, iria sacrificar, além da democracia, muitas vidas preciosas no Estado de Pernambuco. Afirmou ainda o Vereador Eliseu Pereira de Melo que a fuga do Sr. Brivaldo Leão de Almeida é na realidade um atestado eloquente de sua participação no movimento subversivo registrado em dias da semana passada. Reportando-se ao Prefeito, Sr. Oscar Bezerra Souto, afirmou o orador que conhece os antecedentes do mesmo, sua formação social e religiosa, tendo certeza absoluta que não tem qualquer participação no movimento subversivo aludido ou em outro qualquer setor de atividade da ideologia vermelha, podendo mesmo garantir pelo que acabava de afirmar.²⁸

É importante destacar no trecho acima da ata da câmara, que o vereador Eliseu Pereira de Melo, é o mesmo citado por José Eduardo como o delator de comunistas, no trecho

²⁷ Ata primeira reunião da terceira sessão extraordinária da Câmara de Vereadores realizada no dia 06 de abril de 1964. Livro 08, p.122

²⁸ Ata da Câmara municipal dos Palmares, op, cit.,p. 122

acima, pode-se ver como ele se coloca a respeito da cassação de Brivaldo Leão e a exaltação de reconhecimento das Forças Armadas. Porém, é bastante peculiar como ele faz uma defesa ao Prefeito Oscar Bezerra Souto, imputando-lhe qualquer envolvimento com o “movimento subversivo”. Na verdade, ele diz conhecer bem o prefeito, e defende-o, exaltando a sua formação social e religiosa.

O adjetivo comunista, é que sofre de todo um peso, é como o indivíduo carregasse um mal, algo que não é de admirar, que não merece honras. Um perigo, um subversivo a ordem.

No processo de cassação de Brivaldo Leão, ainda vai haver uma debate sobre as provas de acusação, o vereador José Paz, afirma não identificar provas a que levassem o vice-prefeito a ter o seu mandato cassado. Assim se pronuncia o vereador na sessão de cassação:

O Vereador José da Paz Monteiro começando por afirmar que não era defensor e nem acusador do Vice-prefeito, Sr. Brivaldo Leão de Almeida, mas que ali se encontrava para apreciar a matéria que ora estava sendo discutida, concluir pela sua substância ou não e votar, e dentro do princípio de justiça e da democracia. Prosseguindo na sua apreciação ao projeto em tela afirmou que em tempos passados votou para a cassação de um colega por haver provado sua incompatibilidade com a função eletiva que estava exercendo, mas no caso presente em que a cassação de Mandato do vice-prefeito, não encontrava razão de ser na matéria em aprêço por julgá-la sem substância em face da falta de documentos que provasse a participação do acusado no movimento subversivo e conseqüentemente incompatibilizado para a função eletiva. Disse ainda o vereador José da Paz Monteiro que se o autor do projeto de resolução não apresentasse um documento por escrito anexado a matéria que comprovasse a culpabilidade do acusado e justificado o pedido de cassação do mandato do mesmo, todo e qualquer movimento neste sentido²⁹

Mesmo fazendo essa apreciação ao projeto apresentado, a resposta ao questionamento do vereador é dada de forma veemente por um dos seus colegas de câmara.

Assim responde José Augusto Maciel:

... afirma o vereador José Augusto Maciel que era o próprio acusado quem afirma nos palanques em praça pública pertencer ao partido comunista, não havendo, portanto, necessidade de outro qualquer documento... Procedida a votação e feita a apuração dos votos, verificando-se o seguinte resultado: Seis (6) respondendo SIM; e um (1) voto, respondendo Não. Com este resultado e por força da lei eleitoral, o Sr. Presidente declarou legalmente cassado o mandato do Vice-Prefeito, Sr. Brivaldo Leão de Almeida, a partir daquele momento.³⁰

Dessa forma, o vice-prefeito perdia o seu mandado pela acusação de pertencer ao movimento subversivo. Com o cargo em vacância, e uma nova eleição realizada para mesa diretora da câmara. Esta logo empossará o vereador Eliseu Pereira de Melo, como prefeito da

²⁹ Ata da Câmara municipal dos Palmares, op. cit., p. 122

³⁰ Ata da Câmara municipal dos Palmares, op. cit., p. 122



Cidade. Uma hábil jogada política, daqueles que defenderam a intervenção militar, e, que seriam chaves, na sustentação do regime militar na cidade dos Palmares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1964 O Brasil viu com um golpe militar se instalar uma ditadura, esse momento histórico é importante e salutar na história recente do Brasil, um recorte histórico que ainda gera polêmicas. Ainda há pontos obscuros nessa história, que são dignos de esclarecimentos. O trabalho não teve a perspectiva de indicar, as prisões, desaparecimentos, e assassinatos de camponeses cometidos no período. Porém, essa pesquisa está em andamento. A pesquisa aqui apresentada se limitou a justificar a importância de um estudo local, uma cidade referencial em sua região, um lugar de efervescência política, e de mobilização social, e que um dia, pareceu vislumbrar para um novo modelo de sociedade.

REFERÊNCIAS

Ata da Câmara Municipal dos Palmares. Livro de atas Nº08. 1964, 116-124.

ABREU e Lima, Maria do Socorro de. Construindo o Sindicalismo Rural: Lutas, partidos, projetos. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.

ANDRADE, Auro Moura. Um Congresso contra o arbítrio: diários e memórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ANDRADE, Manoel Correia de. História das Usinas de Açúcar de Pernambuco. Ed.

ARNS, Paulo Evaristo. Brasil: Nunca mais. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BASBUM, Leôncio. História sincera da República. De 1961 a 1967. 2ª ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1977.

BEZERRA, Gregório. Memória, Segunda parte: 1946 – 1969. Rio de Janeiro, ed. Civilização Brasileira. 1979.

DABAT, Christine. Moradores de Engenho: Relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais. Recife: Editora da UFPE, 2007.

DREIFUSS, René. 1964: A conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981.



FAUSTO, Boris. História do Brasil. 2. ed. São Paulo: Edusp/FDE, 1995.

FAUTO, Boris. História do Brasil. 2. ed. São Paulo: Edusp/FDE, 1995.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

JACCOUD, Luciana Barros. *Movimentos Sociais e crise política em Pernambuco (1955 - 1968)*. Recife: Massangana, 1990.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

MEDEIROS, L. S. *História dos movimentos sociais no campo*. Rio de Janeiro: FASE, 1989.

MENEZES, Paulo. *Sindicalismo x Repressão*. Recife: Nordestal.1983.

PAGE, Joseph. *A revolução que não houve. O Nordeste do Brasil 1955 – 1964*. Rio de Janeiro: Record. 1972.

REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo & MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.

RODRIGUES, Marly. *A década de 50. Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.

SANTIAGO, Vandek. *Francisco Julião e o Golpe Militar de 64*. Recife: COMUNIGRAF, 2004.

SILVA, Hélio. *1964: golpe ou contragolpe?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 – 1964)*. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1979.

TOLEDO, Caio Navarro de. *O governo Goulart e o golpe de 64*. 8. ed: São Paulo: Brasiliense, 1987.

TOLEDO, Caio Navarro de. *O governo Goulart e o golpe de 64*. 8. ed: São Paulo: Brasiliense, 1982.

JORNAIS CONSULTADOS: *Jornal do Comércio – 1964 e Diário de Pernambuco – 1964*

ENTREVISTAS:

Amauri Caminha (entrevista realizada no dia 21 de agosto de 2011) militante comunista do PCB, e militante posteriormente militante do PCBR

Tereza Aragão (entrevista realizada no dia 07 de setembro de 2011) Farmacêutica, contemporânea de golpe na cidade dos Palmares